



ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DA AERONÁUTICA

COORDENADORIA ACADÊMICA

CURSO AVANÇADO DE COMANDO E ESTADO-MAIOR

DALLAS PAUL **BREGG**, Major (ONA)

**O acordo de segurança trilateral entre Austrália, Reino Unido e Estados Unidos
(AUKUS); os efeitos estratégicos para a região Indo- Pacífico**

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DA AERONÁUTICA

COORDENADORIA ACADÊMICA

Rio de Janeiro -RJ

2023

CURSO AVANÇADO DE COMANDO E ESTADO-MAIOR

DALLAS PAUL **BREGG**, Major (ONA)

**O acordo de segurança trilateral entre Austrália, Reino Unido e Estados Unidos
(AUKUS); os efeitos estratégicos para a região Indo- Pacífico**

Trabalho de conclusão de curso apresentado,
como requisito parcial para aprovação, no
Curso Avançado de Comando e Estado-Maior.
Linha de Pesquisa: Operações Militares.
Orientador: Eduardo Sul.

RESUMO

Este artigo teve como objetivo entender os efeitos estratégicos significativos do AUKUS e o que ele significou para a região do Indo-Pacífico. O estudo concentrou-se nas nações envolvidas no acordo, bem como nas regiões do Indo-Pacífico e sua perspectiva sobre os efeitos estratégicos do Acordo AUKUS. A pesquisa qualitativa foi realizada a fim de compreender os complexos e diferentes interesses e reações ao advento do acordo AUKUS. Fontes de notícias, instituições acadêmicas e institutos de pesquisa de várias nações foram usadas para pesquisar quais efeitos ocorreram. Os resultados da pesquisa foram discutidos individualmente por nação ou grupo de nações. Os resultados concluíram que o Acordo AUKUS teve efeitos diferentes para a região. Alguns dos países tradicionalmente adversários da China apoiaram o acordo. Outras nações, como as da comunidade da ASEAN e a Índia, tiveram reações mistas, desde pontos de vista neutros até aqueles que se opõem abertamente ao acordo de segurança. Muitos dos detratores do acordo citaram a possibilidade de uma corrida armamentista e proliferação nuclear como seus pontos de discórdia. Por outro lado, os proponentes do AUKUS expressaram sua crença de que o acordo aumentará a segurança regional.

Palavras-chave: AUKUS, Indo-Pacífico, Submarino Nuclear, Acordo de Segurança.

ABSTRACT

This paper aimed to understand the significant strategic effects of AUKUS and what it has meant to the Indo-Pacific region. The study was focused on the nations involved in the agreement as well as those in the Indo-pacific regions and their perspective on the strategic effects of the AUKUS Agreement. Qualitative research was conducted in order to understand the complex and differing interests and reactions to the advent of the AUKUS agreement. Sources from news, academic and think-tank institutions from a variety of nations were used to survey what effects have taken place. The results of the research were discussed individually by nation or group of nations. The results concluded that the AUKUS Agreement has had differing effects for the region. Some of the traditionally adversarial to China nations have supported the agreement. Other nations such as those of the ASEAN community and India have had mixed reactions from neutral standpoints to those that openly oppose the security agreement. Many of the detractors of the agreement have cited the possibility of an arms race and nuclear proliferation as their points on contention. Inversely the proponents of AUKUS have expressed their belief that the agreement will increase regional security.

Keywords: AUKUS, Indo-Pacific, Nuclear Submarine, Security Agreement

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASEAN	Association of Southeast Asian Nations
AUKUS	Australia United Kingdom United States pacto de segurança trilateral
CPTPP	Comprehensive and Progressive Agreement for Trans-Pacific Partnership
NATO	North Atlantic Treaty Organization
QUAD	Quadrilateral Security Dialogue
RAN	Royal Australian Navy
UK	United Kingdom

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 METODOLOGIA.....	14
3. REFERENCIAL TEÓRICO	15
4 APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS	19
4.1 AUKUS	19
4.2 França.....	20
4.3 ASEAN Conflito.....	22
4.4 Japão	23
4.5 Coreia do Sul.....	24
4.6 Índia	25
4.7 China.....	26
4.8 Austrália	27
4.9 Reino Unido.....	28
4.10 Estados Unidos.....	29
4.11 Análise	29
5 CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O acordo trilateral de segurança australiano Reino Unido Estados Unidos (AUKUS) é um dos maiores acordos de segurança entre nações ocidentais desde o início da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). AUKUS é um amplo acordo que inclui a transferência de tecnologias e compartilhamento de informações entre as três nações. A maior e mais polêmica transferência de tecnologia permitirá que a Austrália se torne membro do exclusivo grupo de nações que operam submarinos nucleares.

Este artigo visa entender AUKUS através do problema de pesquisa específico de quais são os efeitos estratégicos para a região do Indo-Pacífico?

O pacto de segurança AUKUS foi negociado secretamente por 18 meses antes de ser anunciado publicamente ao mundo em setembro de 2021 (Peyronnet, 2021). O anúncio foi um golpe nas relações franco-australianas devido ao cancelamento australiano de um contrato para fornecer 12 submarinos a diesel de fabricação francesa. O cancelamento (feito no mesmo dia do anúncio da AUKUS) teve efeito imediato entre todas as partes envolvidas. Agravamento temporário das relações entre os Estados Unidos e a França, bem como entre a França e a Austrália.

A reação da China foi imediata e previsível contra a ideia de uma marinha australiana nuclear. Com razão, a adição de uma frota de submarinos nucleares, juntamente com muitas outras transferências de tecnologia, consolidará ainda mais a posição da Austrália como uma potência regional.

Este estudo visa entender os efeitos estratégicos significativos do AUKUS e o que isso significa para a região do Indo-Pacífico. O estudo se concentrará nas nações envolvidas no acordo, bem como nas maiores regiões do Indo-Pacífico e sua perspectiva sobre os efeitos estratégicos do Acordo AUKUS.

Com AUKUS sendo a maior aliança militar ocidental desde a OTAN, os efeitos estratégicos deste pacto são de longo alcance. A tecnologia militar aprimorada e a cooperação que acompanham este acordo mudarão o cenário geopolítico da região do Indo-Pacífico. Seus efeitos fortalecerão certos relacionamentos, mas sobrecarregarão outros. Esse efeito polarizador será um ganho geral para os países envolvidos, mas pode fortalecer uma política externa e militar chinesa já agressiva na região, o que pode levar alguns países a escolher lados.

A região do Indo-Pacífico é a maior região econômica do mundo. A influência chinesa nesta região tem crescido a cada ano desde o início de sua Política Belt Road. Segundo Cronin

(2013), o governo Obama identificou a região como sendo da maior importância estratégica. Como tal, os EUA direcionaram sua ênfase estratégica para a região do Pacífico (Galdorisi, 2013).

A Austrália é uma das principais partes interessadas na paz e segurança da região em torno das crescentes áreas de influência chinesa. O acordo de segurança AUKUS tem e continuará a ter efeitos estratégicos profundos na região do Indo-Pacífico. Este acordo forçará uma mudança no cenário geopolítico. Isso virá na forma de nações da região tendo que reagir e tomar decisões sobre como aceitar ou não a nova realidade de uma grande aliança militar em seu quintal.

Pode-se argumentar que AUKUS pode ser o pretexto para a próxima OTAN e levar a mais paz na região mais próspera do mundo, ou pode-se argumentar que criará instabilidade adicional. Os detratores do acordo argumentam que o AUKUS poderia criar uma nova corrida armamentista ou, mais seriamente, prejudicar o acordo de não proliferação nuclear. Seja qual for o caso, AUKUS é um divisor de águas geopolítico e a região será forçada a reagir. (Borger, 2023)

2 METODOLOGIA

O objetivo geral deste trabalho de pesquisa é entender os efeitos estratégicos da maior aliança militar ocidental para a Austrália e seus parceiros, mas também para a região do Indo-Pacífico. Isso será concluído por meio de pesquisa acadêmica qualitativa. Serão investigados os seguintes objetivos específicos:

- a) Definir exatamente o que é AUKUS e quem são as partes contratantes do acordo(OE1);
- b) Quais os benefícios que cada um dos três países obterá com o acordo (OE2);
- c) AUKUS encorajou a política chinesa na região (OE3) .

Os objetivos específicos acima foram investigados por meio de um estudo de cada nação individualmente. As reações e políticas de cada nação foram extraídas de fontes como notícias, publicações acadêmicas e oficiais do governo. Os dados dessas fontes foram usados para atender a cada objetivo específico listado acima.

Os efeitos estratégicos do AUKUS para a região do Indo-Pacífico serão discutidos neste trabalho de pesquisa. A pesquisa será concluída através do uso de pesquisa analítica qualitativa. Os dados ou informações serão extraídos de documentos acadêmicos, históricos,

fontes e fontes de notícias variadas para fins contextuais. Essas informações e dados serão então discutidos detalhadamente para provar ou refutar a hipótese deste trabalho de pesquisa.

Fontes e lentes de todos os lados da região foram examinadas para apresentar um exame justo e objetivo das questões envolvidas com o novo pacto de segurança regional. Essas fontes incluíam os países envolvidos (Austrália, Reino Unido e Estados Unidos), fontes de outras nações da região (Japão, Índia, Coreia do Sul e nações da ASEAN) e, finalmente, fontes de ou em apoio à perspectiva chinesa será citado. O uso de fontes de todos os lados é imprescindível para uma investigação objetiva dos efeitos estratégicos do acordo AUKUS para a região do Indo-Pacífico.

O método qualitativo serve melhor para o exame político dos efeitos estratégicos AUKUS. Neste método serão examinadas crenças, atitudes, ações e relacionamentos para gerar dados não numéricos. Como o acordo AUKUS é um pacto político, os dados numéricos são menos importantes do que as reações e ações políticas dos atores envolvidos. Como tal, a pesquisa qualitativa atende melhor ao propósito deste artigo.

As informações obtidas nas diversas fontes serão então sintetizadas através de um contexto histórico-político para uma melhor compreensão das origens, motivações e consequentes alterações do acordo. A partir desta linha de base, as mudanças políticas na região da Ásia-Pacífico podem ser medidas ou avaliadas para melhor compreender os efeitos estratégicos do pacto de segurança AUKUS para a região Indo-Pacífico.

Recursos de fontes acadêmicas serão usados para examinar os efeitos estratégicos do acordo AUKUS em termos de cooperação internacional e defesa política na região da Ásia-Pacífico. Os efeitos estratégicos podem então ser aplicados à hipótese para examinar os resultados. Assim que isso for concluído, a hipótese será comprovada ou refutada.

Todas as fontes e descobertas serão usadas para discutir cada objetivo específico para uma compreensão completa das questões que envolvem o acordo AUKUS. Esta discussão permitirá uma análise completa da situação na região do Indo-Pacífico.

As fontes de pesquisa acadêmica serão limitadas até e incluindo fontes publicadas antes de junho de 2023. Como este acordo em sua infância, as mudanças na composição estão em fluxo constante.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Este artigo usará fontes primárias e secundárias de vários pontos de vista para investigar os efeitos estratégicos do acordo AUKUS na região do Indo-Pacífico. Os

documentos de origem serão usados para verificar e definir certos acordos quando necessário. O cronograma para esta investigação será desde o início do acordo em 2021 até junho de 2023. Como este é um acordo ao vivo e os detalhes estão surgindo/mudando diariamente, a investigação dos efeitos estratégicos de AUKUS para o Indo-Pacífico para fins deste documento incluirá todas as informações relevantes até junho de 2023 inclusive. Este acordo é visto pela maioria como um divisor de águas para a segurança da região. O que não está acordado é se o acordo será uma mudança positiva e aumentará a segurança regional ou se os efeitos serão negativos e reduzirão a estabilidade regional.

Para entender melhor os efeitos estratégicos do acordo, fontes que explicam ambos os lados do debate serão usadas para entender melhor a mudança dinâmica na geopolítica na região do Indo-Pacífico. Isso incluirá fontes das nações diretamente envolvidas com o acordo, da região e também dos chineses.

O acordo tem o potencial de ser ainda mais divisivo entre as nações ocidentais e a China, mas, além disso, a reação dentro da região e dentro das nações aliadas não foi universal. O acordo não foi considerado positivo por todas as nações aliadas e não aliadas, como os franceses e alguns membros da comunidade da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) (Li, 2022).

De acordo com o Jason (Instituto para o Estudo da Paz e Segurança), os franceses tiveram, de longe, a resposta mais negativa (entre as nações europeias) ao acordo AUKUS. Isso se deve principalmente ao fato de a França ter assinado anteriormente um acordo de 90 bilhões de dólares com a Austrália para produzir até 12 submarinos elétricos a diesel convencionais (Jason, 2022). O novo acordo entre Austrália, Reino Unido e Estados Unidos foi negociado em segredo, sem o conhecimento dos franceses. Com a revelação do acordo AUKUS anteriormente secreto, o governo francês foi abruptamente informado (junto com o resto do mundo) de que seu acordo previamente acordado agora era nulo.

É claro que isso não permitia que os franceses tivessem voz na transferência de tecnologia, nem qualquer contribuição quanto aos efeitos estratégicos de tal acordo, bem como significava que a França perderia uma quantidade substancial de prestígio e (mais importante) dinheiro com a perda do contrato do submarino.

Uma introdução ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear será examinada para contextualizar as preocupações de algumas nações. Isso se prestará a preocupações do lado chinês da discussão e também conectará a legalidade que a AUKUS usará para transferir tecnologia nuclear para a Austrália.

Borger (2023), escrevendo para o Guardian, reconhece que as nações (sem especificar qualquer outra nação além da China) estão extremamente preocupadas com o fato de o Tratado de Não Proliferação Nuclear de 1965 estar sendo usado para permitir a transferência de tecnologia nuclear de uma nação nuclear para uma nação não nuclear. . Especificamente, ele escreve que as nações estão preocupadas que este precedente possa ser usado como um pretexto para mais tecnologia deste tipo por outras nações ir contra os próprios princípios do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (Borger 2023).

Hurst (2023), também escrevendo para o The Guardian, explica que os esforços da Austrália para comunicar seus esforços para garantir a segurança da tecnologia nuclear em seu território são mais um esforço para tranquilizar a comunidade internacional de que o AUKUS não causará uma corrida à proliferação nuclear. A Austrália argumenta que, devido ao custo extremo do programa, será impossível para outras nações fazer o mesmo.

Li no artigo ASEAN's Responses to AUKUS: Implications for Strategic Realignment in the Indo-Pacific, escreve que os membros da comunidade da ASEAN tiveram reações mistas ao acordo. Li agrupa as nações da comunidade em 3 campos distintos. O primeiro desses grupos é o da Malásia e da Indonésia, que criticaram abertamente o novo acordo pela possibilidade de trazer instabilidade à região a partir de uma possível nova corrida armamentista. O segundo grupo descrito por Li é o de Brunei, Camboja, Laos, Mianmar e Tailândia, que adotaram uma postura neutra ao não condenar nem apoiar abertamente o acordo. Por fim, Li lista as Filipinas, Cingapura e Vietnã como apoiadores abertos do AUKUS.

A divisão dentro da comunidade da ASEAN listada por Li mostrou a reação já fragmentada ao acordo na região do Sudeste Asiático da aliança, que indica os efeitos estratégicos maiores para a região do Indo-Pacífico.

O ex-embaixador do Japão na Austrália, Sumio Kusaka, escreveu em seu artigo que os efeitos do AUKUS para a região são uma força estabilizadora e bem-vinda contra a agressão chinesa agressiva e punitiva da última década. Embora essa visão seja muito centrada no Japão, ela fala da disposição de uma potência regional de acolher uma mudança na geopolítica da região.

Um dos pontos-chave citados por Kusaka foi a candidatura da China para aderir ao Acordo Integral e Progressivo para a Parceria Transpacífico (CPTPP). Kusaka argumenta que a evolução do AUKUS e o acordo entre Japão, Austrália, Estados Unidos e Índia, também conhecido como Quad, obrigou a China a tomar uma decisão precipitada de se candidatar à aceitação do CPTPP, a fim de impedir uma súbita e crescente crise econômica e isolamento

diplomático. Kusaka atribui diretamente a candidatura da China ao CPTPP ao advento do acordo AUKUS. Novamente, isso mostra ainda mais os efeitos estratégicos fortes e de longo alcance do acordo AUKUS na região do Indo-Pacífico.

A escrita de Kusaska (2021) é reforçada por Dereck Grossman (2023) no artigo da Rand Corporation Por que a China deveria se preocupar com a reação da Ásia ao AUKUS, onde ele reconheceu a aprovação japonesa do novo acordo, mas também a da Coreia do Sul. Em seu artigo, Grossman (2023) descreve a crescente inquietação do governo sul-coreano com uma China cada vez mais assertiva. Grossman (2023) chega a insinuar que a Coreia do Sul está procurando ativamente ingressar no Quad e que ingressar no AUKUS também pode ser uma boa opção.

Embora essa visão não possa ser apoiada por documentação oficial, a ideia de a Coreia do Sul ou o Japão se juntarem ao AUKUS não está fora de questão. A crescente assertividade e agressividade da China torna atraente a opção de aderir a um forte pacto regional de segurança e economia.

Gerard , escrevendo no Diplomat, descreveu a reação dos chineses às notícias do novo Acordo de Segurança. Neste artigo, Gerard cita a mídia estatal da China insultando abertamente as três nações envolvidas como tolas e míopes. Além disso, Gerard cita as acusações chinesas das três nações AUKUS de querer minar a segurança da região. Essa retórica não é surpreendente, considerando que o AUKUS é um pacto velado para bloquear a expansão chinesa.

A Índia, sendo uma das maiores potências na região do Indo-Pacífico, teve uma reação cautelosa e mista ao novo acordo de segurança. Sing, no artigo escrito para o Lowy Institute descreve a localização precária da Índia em relação à China como criando duas teorias sobre os efeitos do AUKUS. Em primeiro lugar, Sing descreve a facção pró-AUKUS como gostando da ideia de outra potência amiga contrariando a China na região. Isso faz sentido, pois ter aliados verificando um inimigo é sempre bem-vindo em tempos de conflito.

A facção contra teme que a frágil estabilidade das relações entre a China e a Índia possa ser posta em causa pela instabilidade causada pelo AUKUS. Especificamente, eles se preocupam com essa instabilidade que afeta a área de fronteira entre a Índia e a China na região do Himalaia. Esta área tem visto violência entre as duas potências no passado e a facção contra AUKUS teme que uma China isolada possa causar mais instabilidade.

Sing, também cita o problema da alienação francesa devido ao advento do AUKUS. Ele observa que os céticos indianos do AUKUS temem que a oposição francesa ao acordo

cause dissensão nas nações ocidentais. Isso, por sua vez, poderia criar divisão com as alianças militares e políticas ocidentais, o que poderia causar mais instabilidade.

4 APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1 AUKUS

Submarinos convencionais (também conhecidos como diesel) são embarcações movidas por motores convencionais. Eles usam ar para queimar combustível (geralmente diesel) para criar energia. Essa energia carrega as baterias que alimentam o submarino através da água. Quando o submarino está submerso, ele usa apenas a energia armazenada em suas baterias para eletricidade e propulsão. Por esse motivo, o submarino depende de suas baterias durante todo o tempo submerso. Assim, quando as baterias se esgotam, os submarinos devem usar seu motor barulhento para recarregar as baterias. Isso requer que o submarino chegue à superfície ou à profundidade do periscópio, pois o motor requer ar para sua operação. Isso é desvantajoso, pois o submarino deve deixar a proteção silenciosa e silenciosa das profundezas, o que o torna mais propenso à detecção. Além disso, o submarino será obrigado a usá-lo como snorkel para o ar, o que o torna ainda mais propenso à detecção devido à sua capacidade de ser detectado pelo radar. A quantidade média de tempo que um submarino de propulsão convencional pode permanecer submerso sem ter que emergir para recarregar é de 3 a 5 dias. Como o requisito básico para o funcionamento do motor é o combustível, o alcance dos submarinos é limitado pela quantidade de combustível que pode transportar.

Os submarinos nucleares são embarcações que utilizam a energia produzida a partir de um reator nuclear tanto para sua propulsão quanto para os sistemas de bordo. Isso significa que o alcance de um submarino nuclear é ilimitado, mas sua resistência é limitada apenas pela quantidade de comida que pode transportar para sua tripulação. A resistência do submarino movido a energia nuclear é geralmente de 6 meses. A vantagem de um submarino nuclear é que ele pode percorrer longas distâncias por um tempo extremamente longo sem ter que sair da proteção de estar submerso. Como o objetivo de um submarino é nunca ser detectado, o submarino nuclear tem uma clara vantagem sobre seu colega de propulsão convencional.

De acordo com Singh (2023), e a partir de junho de 2023, o acordo AUKUS prevê um plano de quatro estágios, sendo o primeiro estágio o aumento das visitas de submarinos de

ataque nuclear americanos e britânicos aos portos australianos. A primeira etapa do acordo também incluirá o treinamento de tripulações australianas em submarinos americanos e britânicos. O segundo estágio do acordo verá submarinos nucleares americanos e britânicos serem implantados em portos australianos no período de 2027. A implantação futura também incluirá investimentos para aumentar a infraestrutura portuária para permitir a manutenção de submarinos movidos a energia nuclear. De acordo com a Casa Branca (2023), a terceira etapa e talvez a mais controversa verá a venda e transferência de até 5 submarinos da classe Virginia feitos nos EUA para a Austrália no período de 2030. Este será um grande impulso para as capacidades da Marinha Real Australiana (RAN), já que sua atual frota de submarinos da classe Collins, com propulsão convencional, está chegando ao fim de sua vida operacional projetada. A fase final do acordo verá a Austrália receber e construir um submarino nuclear de próxima geração baseado em tecnologia britânica e americana.

4.2 França

A França não é membro da região indo-pacífica, mas desempenhou um papel importante na evolução do acordo AUKUS por inúmeras razões. A França e a Austrália firmaram um acordo anunciado pela primeira vez em 2016, que viu a Austrália comprar 12 submarinos da classe Barracuda de design francês para substituir sua frota envelhecida de submarinos convencionais da classe Collins. O contrato inicial era complexo tanto no escopo quanto nos detalhes do contrato. Por exemplo, a classe Barracuda é um projeto movido a energia nuclear, mas os australianos queriam que seus submarinos fossem movidos convencionalmente. O contrato também previa que os submarinos fossem construídos na Austrália, aumentando o custo e a complexidade do contrato.

O contrato foi concebido de forma que, se fossem apresentados obstáculos, a Austrália pudesse pagar para se retirar do negócio. Desde o início, foi relatado em várias fontes que estouros de custos e atrasos nas entregas seriam uma realidade. Needham (2023), escrevendo para a Reuters, relata que o acordo estava com problemas por anos antes de ser finalmente cancelado.

O acordo entre a Austrália e a França para a compra e construção dos submarinos da classe Barracuda foi oficialmente cancelado em setembro de 2021. O mundo descobriu isso ao mesmo tempo que a França. O anúncio do AUKUS significou o fim do acordo entre a Austrália e a França, mas também interrompeu severamente as relações entre a França e as

outras duas nações envolvidas (Reino Unido e Estados Unidos). O anúncio foi tão grande e a perda para a França tão cara, tanto em dinheiro quanto em prestígio, que os franceses foram forçados a retirar seus diplomatas da Austrália e dos Estados Unidos (Jason, 2022). A convocação de embaixadores é quase inédita entre nações amigas e ainda mais dolorosa entre aliados em tempos de paz. Enquanto a França se posicionava para convocar seus embaixadores, o cancelamento definitivamente provocou fissuras nas relações entre os aliados da OTAN.

Embora a OTAN não seja um participante na região do Indo-Pacífico, muitos de seus membros maiores (como a França, os Estados Unidos e a Austrália) o são. Um sistema fraturado de aliados que gostaria de enfrentar uma crescente presença chinesa na região do Indo-Pacífico não é o ideal. Esta ideia será discutida em capítulos posteriores em relação aos interesses indianos no acordo AUKUS.

O súbito cancelamento do acordo submarino franco-australiano foi um grande evento para a região do Indo-Pacífico. Em primeiro lugar, as relações entre aliados tradicionais foram rompidas na medida em que as relações diplomáticas foram afetadas. Em segundo lugar, foi anunciado o ambicioso plano de transferência de tecnologia nuclear para submarinos dos Estados Unidos para outro país pela segunda vez na história. Este anúncio (embora às custas dos franceses) significava a falta de aliados comprometidos dos Estados Unidos no Indo-Pacífico para impedir a expansão do interesse militar chinês.

AUKUS é um divisor de águas para a Austrália, é de longe o maior vencedor neste acordo. A Austrália foi escolhida para ser um dos aliados mais próximos e confiáveis dos Estados Unidos. Desde que os Estados Unidos desenvolveram a tecnologia de submarinos nucleares, eles a compartilharam apenas uma vez. A Austrália será apenas a nação apoiada para usar o que é indiscutivelmente a melhor tecnologia nuclear do mundo. A Austrália logo estará no clube de elite das nações que podem colocar submarinos movidos a energia nuclear.

Claro que essa tecnologia tem um propósito que é frear a crescente expansão da influência chinesa na região. O uso de submarinos nucleares para a Austrália agora permitirá que ela opere submarinos furtivos em qualquer lugar da região. Esta é uma atualização de sua frota atual de submarinos convencionais que têm alcance limitado e resistência submersa.

A outra parte menos falada do acordo AUKUS é a transferência de tecnologia entre as três nações. Essa transferência e compartilhamento de tecnologia incluirá comunicações avançadas, mísseis hipersônicos e tecnologias de guerra eletrônica. Isso permitirá que a Austrália adquira e desenvolva armas avançadas que podem ser usadas para seus objetivos

estratégicos. Pode-se argumentar que a Austrália tem a ganhar mais de qualquer nação na região do Indo-Pacífico.

4.3 ASEAN Conflito

Os estados da comunidade da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) estão em conflito em suas reações ao acordo AUKUS. A comunidade de nações da ASEAN está situada diretamente entre a Austrália e a China e abrange o estrategicamente importante Mar da China Meridional. A comunidade ASEAN consiste em Brunei, Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Filipinas, Cingapura, Vietnã e Tailândia. O bloco de nações foi criado de acordo com sua constituição:

- a) a vontade coletiva das nações do Sudeste Asiático de se unirem em amizade e cooperação e, por meio de esforços e sacrifícios conjuntos, garantir para seus povos e para a posteridade as bênçãos da PAZ, da liberdade e da prosperidade. (The Founding of ASEAN)

A definição acima de seu objetivo é importante, pois estipula que o grupo de nações luta pela paz e pela cooperação. As nações da ASEAN se posicionaram como protagonistas na segurança da região. O acordo AUKUS, devido ao seu escopo de mudança de jogo e devido à posição geográfica da comunidade da ASEAN, causou divisão com o grupo de nações do Sudeste Asiático.

Li divide as nações da ASEAN em 3 grupos de acordo com suas reações ao AUKUS. O primeiro grupo é formado pela Indonésia e Malásia. Essas duas nações expressaram preocupação aberta com o acordo. A Indonésia está desconfortável com o AUKUS, pois o vê causando uma corrida armamentista na região, além de contribuir para a proliferação nuclear. A reação da Malásia foi praticamente a mesma da Indonésia, mas também sinalizou suas preocupações de que o AUKUS apenas desestabilizaria a região (Li, 2022).

O segundo grupo de nações da ASEAN, de acordo com Li, consiste em Tailândia, Camboja, Laos, Brunei e Mianmar, que aceitaram hesitantemente o AUKUS com cautela. Este segundo grupo de nações, segundo Li, compartilha a preocupação de uma competição regional de uma corrida armamentista, mas também se preocupa em ser pego no meio de uma luta entre duas superpotências (China e Estados Unidos).

O terceiro dos grupos de Li são nações que apoiam abertamente o acordo AUKUS. Este grupo é composto por Filipinas, Vietnã e Cingapura. Esses países têm visto AUKUS como

trazendo ou aumentando a estabilidade para a região. Esses países (exceto Cingapura) têm problemas significativos com as reivindicações territoriais da China sobre a totalidade do mar da China Meridional.

A divergência de reações ao acordo AUKUS causou divisões em um grupo de nações que se uniram em prol da paz e da cooperação. As reações das nações da ASEAN foram de oposição, como a da Malásia, à de Cingapura ou do Vietnã, que apoiaram abertamente o acordo. Como o acordo da ASEAN foi criado para trazer paz e cooperação, quaisquer divergências dentro da comunidade podem levar ao aumento da instabilidade regional. Este exemplo dos efeitos estratégicos do acordo AUKUS mostra a possibilidade de novas rupturas na Indo-região.

4.4 Japão

O Japão é uma das maiores economias do mundo e, sem dúvida, o segundo exército mais forte da região depois da China. A reação do Japão ao AUKUS tem apoiado amplamente o acordo de defesa. Kusaka (um ex-embaixador do Japão na Austrália) escreve que o AUKUS trará um reequilíbrio da estrutura de poder na região do Pacífico. Kusaka vincula a importância do Diálogo de Segurança Quadrilateral, também conhecido como QUAD, ao de AUKUS.

O Quad é um acordo entre Estados Unidos, Austrália, Índia e Japão. Seu objetivo é aumentar o diálogo entre os estados membros sobre as crescentes ambições da China. Pode-se argumentar, de fato, que o Quad é uma estratégia em oposição direta à Iniciativa do Cinturão Chinês de expansão estratégica. A posição do Japão é muito clara por sua inclusão no Quad e por seu apoio à AUKUS, pois se opõe fortemente a qualquer expansão chinesa na região.

Kusaka escreve ainda sobre o Acordo Abrangente e Progressivo para a Parceria Trans-Pacífico (CPTPP) e que este acordo se tornou uma tábua de salvação para aumentar o isolamento forçado chinês na região da Ásia-Pacífico. O CPTPP é um dos maiores acordos de livre comércio do mundo, menor apenas do que a União Europeia e o acordo Estados Unidos-México-Canadá. Tem um PIB combinado de \$ 13,5 trilhões e consiste nos seguintes países: Austrália, Brunei, Canadá, Chile, Japão, Malásia, México, Nova Zelândia, Peru, Cingapura e Vietnã.

A importância do CPTPP e AUKUS de acordo com Kusaka é um dos pedidos da China para ingressar no bloco econômico. Kusaka argumenta que o pedido de adesão da China foi

estimulado pelo súbito início do acordo AUKUS. Kusaka argumenta que a aplicação apressada da China foi feita para diluir a influência do Japão e da China (duas das maiores economias do acordo). Ele também escreve que, devido à desaceleração da economia, a China pode muito bem estar procurando maneiras de diversificar sua economia. Kusaka afirma ainda que o pedido da China e sua aceitação também podem trazer os Estados Unidos de volta ao acordo.

Kusaka afirma que o acesso japonês a linhas marítimas abertas e livres é de vital importância para a nação insular e sua economia. Ele ainda argumenta que isso também é de vital importância para todas as nações da região da Ásia-Pacífico. Sua teoria e talvez a do Japão em geral é que a expansão chinesa na região é ruim para os negócios. Por essa razão, ele vê o AUKUS como bom para o Japão.

A capacidade dos submarinos nucleares australianos de operar sem reabastecimento na região ajudaria a frustrar a Marinha chinesa e sua capacidade de projetar energia na região economicamente diversa. Para o Japão, é como ter outro amigo muito capaz ajudando a policiar seu quintal.

Kusaka traz dois pontos interessantes. Em primeiro lugar, o AUKUS pressionou a China a se juntar a um grupo econômico de nações no qual antes mostrava pouco interesse. a região. Pode-se argumentar que o pedido da China para ingressar no CPTPP é um resultado estratégico positivo. Unir blocos comerciais obriga uma nação a seguir regras. Como tal, a admissão da China ao CPTPP poderia dar alguma influência no controle da tomada de decisão unilateral chinesa. Fazer parte de um acordo como o CPTPP estimulará um discurso que pode ajudar na estabilidade de uma região. O segundo ponto de Kusaka é que o Japão está encorajando ativamente nações amigas a ajudar a policiar seu quintal. A rápida aceitação e apoio ao AUKUS do Japão pode ser vista como o Japão querendo aliados para ajudar no fardo de deter a crescente expansão chinesa. É claro que isso é motivado pelo desejo do Japão de manter aberta sua capacidade de comércio internacional por meio de suas rotas marítimas de comunicação.

4.5 Coreia do Sul

A Coreia do Sul está presa em um local geograficamente difícil. A seu norte tem um irmão armado nuclearmente beligerante e agressivo. A seu oeste, a Coreia do Sul tem a maior potência militar da região, a China. Por esta razão, a Coreia encontra-se numa posição geopoliticamente muito difícil. Deve estar constantemente vigilante contra a Coreia do Norte,

enquanto se defende da expansão agressiva das maiores forças armadas e economia da Ásia. Até agora, a Coreia do Sul expressou seu apoio ao acordo AUKUS.

De acordo com Sun, Seul está sob pressão dos formuladores de políticas e do público para fazer o esforço para submarinos movidos a energia nuclear. Essa pressão vem dos lançamentos frequentes de Mísseis Balísticos Intercontinentais (ICBM) com capacidade nuclear de seu vizinho do norte. O lançamento de um ICBM pela Coreia do Norte de um submarino apenas aumentou essa pressão. O outro ponto de pressão para desenvolver submarinos movidos a energia nuclear vem do fato de que a Coreia do Sul é totalmente limitada a oeste pela China. A Coreia do Sul não tem permissão para construir submarinos movidos a energia nuclear devido a um acordo com os Estados Unidos.

Kim, em seu artigo para a Península, escreve que faz sentido para a Coreia do Sul perseguir submarinos movidos a energia nuclear. Ela argumenta que a Coreia do Sul construiu um exército considerável, em grande parte projetado e construído de forma indígena. A Coreia, sendo um dos maiores construtores de navios do mundo, tem capacidade e tecnologia para buscar a construção de submarinos movidos a energia nuclear. Ela também argumenta que, se os Estados Unidos não mudarem sua posição sobre a transferência de tecnologia nuclear, a Coreia do Sul tem duas opções. Uma delas é desenvolver a própria tecnologia. A segunda opção é buscar a tecnologia na França. A segunda opção é interessante, pois as nações AUKUS não teriam motivos para se opor, pois fizeram exatamente a mesma coisa. Isso leva à pergunta: AUKUS abriu uma porta para a proliferação nuclear?

Embora esta questão seja hipotética neste ponto, se a Coreia do Sul optou por seguir o caminho do submarino movido a energia nuclear, o AUKUS estabeleceu o precedente para a transferência legal de tecnologia nuclear entre aliados. O apoio da Coreia para AUKUS, portanto, é duplo. Em primeiro lugar, como o Japão, agora terá um aliado mais capaz de impedir a expansão chinesa e, em segundo lugar, estabelecerá as bases para a Coreia do Sul obter submarinos movidos a energia nuclear.

4.6 Índia

A Índia, sendo uma das maiores potências militares e econômicas na região do Indo-Pacífico, teve um sentimento misto em relação ao acordo AUKUS. Singh (2021) escreve que especialistas em defesa na Índia não têm certeza da utilidade para a esfera de influência geopolítica indiana. Alguns dos estrategistas militares indianos acreditam que o pacto é bom, pois traz outra nação para a campanha para conter a expansão chinesa. Singh (2021) escreve

que os pró-estrategistas veem qualquer ajuda em lidar com a China como um bônus, pois alivia parte da responsabilidade da Índia. Eles também veem isso como uma possível oportunidade para a Índia expandir as relações com a França, uma vez que agora está fora do acordo australiano.

Os oponentes indianos do AUKUS têm muitos bons argumentos contra o acordo de segurança. Em primeiro lugar, Singh (2021) observa que a Índia compartilha uma fronteira com a China, e nessa fronteira na região do Himalaia queima lentamente um conflito regional entre as duas nações. A violência entre as duas nações tem eclodido consistentemente nas décadas anteriores. Singh (2021) argumenta que qualquer instabilidade do lado chinês pode perturbar gravemente o equilíbrio de poder. Como tal, ele argumenta que é imperativo que a Índia se distancie de qualquer coalizão anti-chinesa aberta.

Singh (2021) observa a mesma linha de pensamento na dinâmica do Oceano Índico. A marinha chinesa raramente visita a região, o que permite à Índia dominar a região com sua grande presença naval. Singh argumenta que o aumento da pressão sobre a China devido ao AUKUS poderia levar a China a flexionar seus músculos em outras áreas, como o Oceano Índico. Isso poderia, por sua vez, forçar a Índia a enviar seus navios para o Mar da China Meridional, o que serviria apenas para desestabilizar a região em manobras navais.

O problema final e talvez o mais sério que a Índia tem com o AUKUS decorre da participação da Índia no Quad. A Índia vê o Quad como um obstáculo à expansão dos interesses chineses na região. A Índia sendo um dos membros fundadores, sente de acordo com Singh que AUKUS enfraqueceu o poder do pacto de 4 nações. A AUKUS agora relegou a única aliança militar aos três membros do grupo AUKUS e excluiu a Índia (Iamba 2022). É claro que isso não é ideal para os interesses indianos, pois eles não podem mais participar do processo de tomada de decisão e, portanto, a Índia sofreu uma perda de influência na região.

4.7 China

A China é quem mais perderá na era AUKUS. Embora o AUKUS não diga abertamente que sua existência é para controlar a China, seria um tanto ingênuo pensar algo diferente. Com os Estados Unidos investindo pesadamente em uma das defesas de seu aliado para deter a expansão chinesa. Sun (2021) no Fórum do Pacífico escreveu que o AUKUS é uma reação direta ao reforço militar chinês. Isso se alinha com a ideia de uma corrida armamentista na região, que conseqüentemente já foi uma das questões levantadas pela Malásia ao acordo.

Sun (2021) argumenta que a posição da China em AUKUS é em grande parte uma estratégia de espera e espera. Com isso, nada mudará para a China no futuro próximo e com o orçamento extremo envolvido e o longo cronograma de entrega real de qualquer submarino, a China tem o luxo de ter tempo para elaborar uma contra-estratégia. Como tal, a China se comprometeu a minar o acordo por meio de meios de comunicação chamando AUKUS de um retorno à mentalidade de guerra fria e que está levando à proliferação de armas e tecnologias nucleares. Parece que até agora a política expansionista da China não aumentou nem diminuiu, ou seja, AUKUS ainda não forçou a China a fazer mudanças de política (Girard, 2022).

Sun (2021) escreve que eventualmente chegará um momento em que a China terá que agir em relação às ameaças representadas pelo AUKUS. Este ato virá na forma de enfrentar os desafios de uma região cada vez mais armada ou pressionar por controles de armas mais fortes. Independentemente do que a China decida fazer em termos do acordo AUKUS, os desafios ao domínio da China estão aumentando. O Japão e a Coreia do Sul estão aumentando os gastos com defesa, enquanto novas alianças (The Quad & AUKUS) estão sendo formadas para interferir na capacidade da China de expandir sua esfera de influência. Sem dúvida, isso levará a decisões difíceis para a China no futuro.

4.8 Austrália

AUKUS é um divisor de águas para a Austrália, é de longe o maior vencedor neste acordo. A Austrália foi escolhida para ser um dos aliados mais próximos e confiáveis dos Estados Unidos. Desde que os Estados Unidos desenvolveram a tecnologia de submarinos nucleares, eles a compartilharam apenas uma vez. A Austrália será apenas a nação apoiada para usar o que é indiscutivelmente a melhor tecnologia nuclear do mundo. A Austrália logo estará no clube de elite das nações que podem colocar submarinos movidos a energia nuclear.

Claro que essa tecnologia tem um propósito que é frear a crescente expansão da influência chinesa na região. O uso de submarinos nucleares para a Austrália agora permitirá que ela opere submarinos furtivos em qualquer lugar da região. Esta é uma atualização de sua frota atual de submarinos convencionais que têm alcance limitado e resistência submersa.

A outra parte menos falada do acordo AUKUS é a transferência de tecnologia entre as três nações. Essa transferência e compartilhamento de tecnologia incluirá comunicações avançadas, mísseis hipersônicos e tecnologias de guerra eletrônica (Australia 2022). Isso permitirá que a Austrália adquira e desenvolva armas avançadas que podem ser usadas para

seus objetivos estratégicos. Pode-se argumentar que a Austrália tem a ganhar mais de qualquer nação na região do Indo-Pacífico.

4.9 Reino Unido

O Reino Unido, como a maioria das nações do AUKUS, tem a ganhar substancialmente com o acordo. Camroux (2021) escrevendo para o *Diplomat* vê o benefício para o Reino Unido em duas áreas distintas. Em primeiro lugar, ele escreve que o acordo AUKUS ocorreu em um momento de agitação política no Reino Unido devido à sua saída da União Europeia (UE). Essa saída (também conhecida como BREXIT) da UE viu o Reino Unido girar para uma maior interação com o mundo por outros meios que não os da UE. Camroux (2021) argumenta que enquanto as relações com os aliados europeus do Reino Unido estavam se deteriorando devido ao BREXIT, o AUKUS foi um evento político que eclipsaria os problemas que ocorriam na Europa. A AUKUS permitiria a base permanente de submarinos do Reino Unido em portos australianos, permitindo assim uma presença permanente na região de importação estratégica.

O outro benefício para o Reino Unido é que a próxima geração de submarinos de ataque movidos a energia nuclear que seriam construídos para a Austrália seria construída no Reino Unido. O design dos submarinos de próxima geração para a Austrália e o Reino Unido seria o mesmo. É claro que isso beneficia ambas as nações, pois a Austrália obtém acesso aos 60 anos de experiência que o Reino Unido tem na construção de submarinos movidos a energia nuclear e o Reino Unido pode compartilhar os custos do projeto com outra nação, reduzindo assim o custo geral do projeto.

Outro benefício econômico para o Reino Unido, de acordo com Camroux (2021), são os benefícios econômicos da força de trabalho necessária para projetar e construir uma grande frota de submarinos. Esse desdobramento econômico aumentará uma vez a base tributária dos trabalhadores associados ao projeto, mas também permitirá que o Reino Unido mantenha mão de obra qualificada empregada. Um benefício subsequente para manter a mão de obra qualificada empregada é que essas habilidades difíceis de treinar e manter permanecerão no Reino Unido no futuro próximo.

4.10 Estados Unidos

Os Estados Unidos, sendo o maior jogador do mundo em termos de poder de cisalhamento, tanto politicamente quanto militarmente, também parece ser um vencedor com o acordo AUKUS. O primeiro benefício para os Estados Unidos é que eles terão acesso a uma, senão duas, bases Australianas para seus submarinos. Este é um benefício estratégico, pois os Estados Unidos terão acesso a instalações de manutenção muito próximas ao mar da China Meridional. A proximidade dessas bases permitirá que a Marinha dos Estados Unidos posicione melhor sua frota submarina com um tempo de trânsito mais rápido para a área de interesse.

A primeira parcela do AUKUS vê a Austrália operando submarinos de ataque americanos da classe Virginia. Isso representará uma plataforma comum entre dois aliados que os Estados Unidos ainda não viram com outra nação. A adição da classe Virginia permitirá uma maior presença de submarinos americanos e Australianos na região por períodos mais longos que permitirão melhores horários nas estações. Isso significa mais dissuasão por períodos mais longos para a expansão chinesa.

Os impactos políticos do acordo AUKUS com os Estados Unidos é um aspecto importante para a estratégia americana. AUKUS combina bem com o acordo QUAD na medida em que constrói um aspecto militar em cima do Quad, em grande parte político. A AUKUS também envia a mensagem à região de que os Estados Unidos estão engajados e preparados para se engajar ainda mais na região do Indo-Pacífico.

4.11 Análise

Os efeitos estratégicos do AUKUS para a região do Indo-Pacífico têm sido até agora mistos. Algumas nações, como Japão e Coreia, são proponentes do acordo, enquanto outras nações, como Indonésia e Malásia, expressaram sua preocupação com questões como a proliferação nuclear e a possibilidade de uma corrida armamentista. As razões para o não consenso entre as nações é que cada nação tem interesses estratégicos variados. As nações que tradicionalmente têm um relacionamento forte com os Estados Unidos e também um relacionamento semi-adversário com a China (Coreia e Japão) parecem adotar o acordo. A principal razão decorre de seu desejo de manter sua capacidade de usar as linhas marítimas de comunicação para o comércio. Essas nações veem uma marinha forte como um benefício para seus esforços de manter o comércio.

O grupo de nações que são neutras ou contra (excluindo a China) o acordo parecem ser nações intermediárias em termos de economia. Isso é importante porque eles dependem tanto da China quanto dos Estados Unidos para desenvolvimento e mercados. Isso os coloca na posição precária de ter que escolher lados em uma disputa entre duas superpotências em seu próprio quintal. É claro que isso não é um bom presságio para seu desenvolvimento futuro nem para a estabilidade regional.

A única nação que difere é a da Índia. Como observado acima, a Índia tem um conflito regional lento com a China na região do Himalaia. Como tal, a Índia prefere uma China estável em vez de uma que se sinta presa por todos os lados. A Índia também é a maior potência naval do Oceano Índico e vê qualquer avanço da China na região como uma ameaça. Uma expansão da projeção do poder naval chinês no oceano Índico devido ao AUKUS é vista como . Pelas razões acima, os formuladores de políticas indianas têm pensamentos mistos sobre o AUKUS.

A China agora se vê tendo que desenvolver uma política para combater o AUKUS. O benefício que a China tem é que o AUKUS não vai se concretizar tão cedo. Presidentes e primeiros-ministros mudarão, e isso pode afetar o acordo de muitas maneiras diferentes. No final, a China tem a capacidade de sentar e esperar antes de fazer qualquer mudança significativa em suas políticas e estrutura de força.

As três nações diretamente envolvidas se beneficiarão com o acordo. A segurança coletiva do acordo permitirá a cada uma das nações aumentar sua capacidade de projetar poder naval na região. Eles serão mais capazes de assegurar a seus aliados na região que podem manter abertas as linhas marítimas de comunicação. Isso promoverá o comércio dentro da região economicamente mais próspera. Os desdobramentos econômicos do programa e sua transferência de tecnologia beneficiarão cada uma das três nações e seus setores industriais militares e tecnológicos.

Os efeitos estratégicos para a região do Indo-Pacífico foram moderados até agora. Algumas nações expressaram sua aprovação, preocupação ou neutralidade. Como o acordo se estenderá por várias décadas, os efeitos serão lentos. Possíveis mudanças nos governos das três nações envolvidas mudarão, assim como o acordo.

5 CONCLUSÃO

O objetivo geral deste trabalho de investigação foi compreender os efeitos estratégicos da AUKUS para os seus membros, mas também para a grande região. Isso foi concluído por meio de pesquisa acadêmica qualitativa

A hipótese original da pesquisa era: sendo AUKUS a maior aliança militar ocidental desde a OTAN, os efeitos estratégicos desse pacto são de longo alcance. A tecnologia militar aprimorada e a cooperação que acompanham este acordo continuarão a mudar o cenário geopolítico da região do Indo-Pacífico.

Seus efeitos fortalecerão certos relacionamentos, mas sobrecarregarão outros. Esse efeito polarizador será um ganho geral para os países diretamente envolvidos, mas pode fortalecer uma política externa e militar chinesa já agressiva na região, o que pode levar alguns países a escolher lados.

A AUKUS atualmente prevê um plano de quatro estágios que eventualmente verá a Austrália pela primeira vez atingir submarinos movidos a energia nuclear. O acordo entre a Austrália, o Reino Unido e os Estados Unidos é significativo por muitas razões. Em primeiro lugar, marca apenas a segunda vez que os Estados Unidos compartilham tecnologia de propulsão nuclear com um aliado (sendo a primeira o Reino Unido). Devido à natureza de um reator nuclear, o alcance de um submarino movido a energia nuclear é ilimitado. Isso dará ao RAN a capacidade de operar seus submarinos em toda a região sem precisar recarregar suas baterias nem entrar no porto para abastecer e, assim, reduzir as chances de ser detectado.

O acordo é estrategicamente significativo para a região, pois está fazendo com que algumas nações aplaudam os esforços das três nações, enquanto outras lamentam os efeitos potencialmente polarizadores e desestabilizadores de um novo aliado americano com capacidade de submarino nuclear.

A França, embora não fizesse parte da região, perdeu um contrato multibilionário para a AUKUS. Isso teve sérias repercussões nas relações diplomáticas entre a França e as três nações envolvidas no AUKUS. Embora essas nações sejam todas aliadas, as negociações secretas pelas costas dos franceses e o subsequente cancelamento público do contrato fizeram com que a França chamasse de volta seus embaixadores dos Estados Unidos e da Austrália.

O Acordo causou divergências nas nações da região, principalmente no grupo ASEAN, que abrange o Mar da China Oriental e a própria China. Li categoriza a reação das nações da ASEAN em 3 grupos. O primeiro são aqueles que se opõem abertamente ao acordo, as nações que adotam uma postura neutra e, em terceiro lugar, as nações que aplaudem o

acordo. Embora posições divergentes sejam normais entre as nações, AUKUS já causou divisões dentro de uma aliança cujo objetivo é promover a paz e a prosperidade.

Tanto a Coreia do Sul quanto o Japão apoiam o acordo, pois consideram ter um aliado com um submarino altamente capaz como um acréscimo aos seus esforços para conter a expansão chinesa. O apoio sul-coreano ao acordo talvez seja mais do que apenas apoio. Segundo Sun (2023), há pressão interna para que a Coreia do Sul adquira ou desenvolva submarinos nucleares. AUKUS pode ser um roteiro ou alavanca para a Coreia do Sul obter submarinos nucleares. Se isso acontecer, o argumento de que AUKUS causará uma corrida armamentista na região será muito verdadeiro.

Até agora, a reação da Índia ao acordo AUKUS foi mista. Singh escreve que existem duas escolas de pensamento, uma a favor e outra contra. O grupo pró AUKUS acredita que mais um aliado para ajudar a frear o expansionismo chinês é uma coisa boa. O grupo contra AUKUS vê o acordo como um fator de instabilidade. Este grupo acredita que a disputa fronteiriça do Himalaia da Índia com a China pode aumentar com a instabilidade provocada por novas ameaças. Singh também aponta que a presença da China no oceano Índico tem sido limitada e novas ameaças podem forçar a China a aumentar suas operações no oceano Índico. Esse

A reação da China ao AUKUS tem sido surpreendentemente calma, considerando que o acordo é totalmente contra a China e sua expansão. Além de chamá-lo abertamente de antagônico e soar o alarme da proliferação nuclear, a China exteriormente fez muito pouco em termos de mudança de suas políticas. Sun (2023) argumenta que a China tem o benefício do tempo para avaliar a situação e formular uma estratégia. Com o primeiro submarino nuclear programado para ser entregue no prazo de 2030, a China realmente tem o tempo a seu favor. Como tal, parece que o AUKUS ainda não causou nenhuma reação chinesa visível ou mudanças na política da região.

Os ganhos estratégicos australianos do AUKUS são imensos. Em primeiro lugar, o acordo é a maior aliança militar ocidental em termos de escopo desde o início da OTAN. O acordo trará novas tecnologias de segurança em vários níveis para a Austrália por meio da transferência de tecnologia entre os três signatários. Os desdobramentos econômicos e industriais para os submarinos de próxima geração que serão construídos permitirão que a Austrália se torne uma das poucas nações capazes de construir embarcações sofisticadas movidas a energia nuclear. Com o advento dos submarinos nucleares, a Austrália ganhará uma capacidade militar muito além do que seus submarinos a diesel/elétricos fornecem atualmente.

O Reino Unido, assim como a Austrália, tem a ganhar estrategicamente com o acordo. Em primeiro lugar, o Reino Unido agora tem um aliado para ajudar a financiar a pesquisa e o desenvolvimento de sua próxima geração de submarinos. Este é um grande benefício, pois reduz o preço de cada submarino. O segundo benefício é que os empregos e o conhecimento para construir submarinos nucleares ficarão na Grã-Bretanha. O último benefício estratégico do AUKUS para o Reino Unido é que agora ele pode enviar seus submarinos para bases na Austrália, o que permitirá ao Reino Unido estender o alcance de seus submarinos.

Os Estados Unidos ganharão estrategicamente com o acordo AUKUS. Irá, como o Reino Unido, agora ter acesso aos portos australianos para atender e posicionar permanentemente seus submarinos. Criou uma aliança que possivelmente ajudará a conter a expansão da influência chinesa na região do Indo-Pacífico. O acordo também reafirmou a importância da região na política externa americana.

Esta pesquisa foi realizada desde o início da AUKUS até junho de 2023. O acordo ainda está engatinhando, portanto, mais pesquisas serão necessárias à medida que o acordo amadurecer para entender os efeitos estratégicos. A AUKUS tem potencial para mudar a dinâmica política da região, mas até junho de 2023 fez pouco mais do que criar um diálogo político e diplomático. Como o Indo-Pacífico tem a maior parcela da população e economia do mundo, este acordo e seus resultados podem ter grandes impactos para o resto do mundo.

Os próximos cinco anos serão significativos para o acordo AUKUS. A Austrália adquirirá a capacidade de tripular, manter e operar submarinos nucleares. Em termos dos interesses estratégicos brasileiros, o acordo AUKUS pode abrir caminhos para o Brasil obter tecnologias para promover seu programa submarino nuclear. Embora os franceses estejam atualmente fornecendo a espinha dorsal das tecnologias para este programa, a assistência dos EUA e do Reino Unido pode ser um benefício para o programa.

REFERÊNCIAS

Australia. FACT SHEET: Implementation of the Australia – United Kingdom – United States Partnership (AUKUS) 6 April 2022. **Australian Government Department of Defense**. Disponível em: <https://www.defence.gov.au/about/taskforces/nuclear-powered-submarine-task-force/australian-uk-and-us-partnership>. Acesso em: 10 Abr 2023.

Borger, Julian. Aukus nuclear submarine deal loophole prompts proliferation fears. **The Guardian** 14 Mar 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2023/mar/13/aukus-australian-submarine-nuclear-loophole-proliferation-fears>. Acesso em: 15 Mai 2023.

Cameroux, David. AUKUS: Why Britain Was the Big Winner. **The Diplomat** 02 Dec 2021. Disponível em: <https://thediplomat.com/2021/12/aukus-why-britain-was-the-big-winner/>. Acesso em: 01 Jun 2023.

Girard, Bonnie. China's AUKUS Response Highlights Beijing's Bunker Mentality. **The Diplomat** 30 Sep 22. Disponível em: <https://thediplomat.com/2021/10/chinas-aukus-response-highlights-beijings-bunker-mentality/>. Acesso em: 15 Abr 2023.

Grossman, Derek. Why China should worry about asia's reaction to AUKUS. **The Rand Corporation**, 15 Abr 2023. Disponível em: <https://www.rand.org/blog/2023/04/why-china-should-worry-about-asias-reaction-to-aukus.html>. Acesso em: 15 Abr 2023.

Hurst, Daniel. Aukus 'expensive' and not 'easy to replicate', Australian officials told foreign diplomats. **The Guardian** 29 Mai 2023. Disponível em: Aukus 'expensive' and not 'easy to replicate', Australian officials told foreign diplomats | Aukus | The Guardian. Acesso em: 30 Mai 2023.

Jason. The AUKUS agreement: significance and strategic consequences. **JASON Institute for Peace and Security Studies**, 13 Nov 2022. Disponível em: <https://jasoninstitute.com/the-aukus-agreement-significance-and-strategic-consequences/>. Acesso em: 12 Abr 2023.

Kusaka, Sumio. The strategic opportunity of AUKUS. **Asia Link; University of Melbourne**, 18 Nov 2021. Disponível em: <https://asialink.unimelb.edu.au/insights/the-strategic-opportunity-of-aukus>. Acesso em: 15 Abr 2023.

Lamba, Bikram. AUKUS agreement has strategic significance for the Indo-Pacific, but what about India? **Cries Organization**. Disponível em: <http://www.cries.org/wp-content/uploads/2022/02/019-Comentario-Lamba-ok.pdf>. Acesso em: 13 Abr 2023.

Li, Mingjian. ASEAN's responses to AUKUS: implications for strategic realignments in the Indo-Pacific. **China International Strategy Review volume 4**, 27 Nov 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s42533-022-00121-2>. Acesso em: 05 Abr 2023.

Needham, Kirsty. Australian documents showed French submarine project was at risk for Years. **Reuters**, 22 Sep 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/asia->

pacific/australian-documents-showed-french-submarine-project-was-risk-years-2021-09-21/. Acesso em 21 Mai 2023.

Peyronnet, Arnaud. The AUKUS security pact: aligning Australia's strategy with the americas's geopolitical vision. **Fondation Mediterranee d'Études Stratégiques** 15 Dez 2021. Disponivel em: <https://fmes-france.org/the-aucus-security-pact-aligning-australias-strategy-with-americas-geopolitical-vision/>. Acesso em: 15 Abr 2023.

Signh, Abhijit. India Remains Divided about AUKUS. **Lowy Institute** 22 Dez 21. Disponivel em: <https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/india-remains-divided-about-aucus> . Acesso em: 11 Abr 2023.

Sun, Yun. PacNet #50 – Fold, call, or raise? China's potential reactions to AUKUS. **Pacific Forum** 26 Out 2021. Disponivel em: <https://pacforum.org/publication/pacnet-50-fold-call-or-raise-chinas-potential-reactions-to-aucus>. Acesso em: 15 Mai 2023.

The Founding of ASEAN. **Association of Southeast Asian Nations**. Disponivel em: History - ASEAN Main Portal. Acesso em 20 Mai 2023

